

Cerâmica Guarani e de Contato: Permanências e Mudanças Técnicas em uma Redução Jesuítica do Início do século XVII.¹

Silvana Zuse²

Saul Eduardo Seiguer Milder³

Resumo: O trabalho apresenta uma pesquisa com coleções cerâmicas do Sítio Arqueológico Pedra Grande, localizado próximo ao Arroio Ribeirão, em São Pedro do Sul - RS. Trata-se de cerâmica típica Guarani e cerâmica caracterizada de Contato, proveniente de uma Redução Jesuítica do início do século XVII. Considerando que todas as etapas da Cadeia Operatória de fabricação dos artefatos cerâmicos são determinadas por escolhas, inseridas em um corpo de tradições tecnológicas do grupo, na Redução uma nova maneira de confeccionar e utilizar a cerâmica são aprendidos. Além dos elementos típicos da tradição Tupiguarani, foram constatadas novas características: uma cerâmica vermelha na superfície interna e externa, de base plana, e tamanho pequeno (12 a 24 cm de diâmetro), entre outros. O diagnóstico inicial possibilita a coleta de amostras para análises físico-químicas.

Palavras Chaves: Redução Jesuítica – Cerâmica – Mudança Técnica.

O Indígena Guarani e a Redução

As escavações arqueológicas e datações dos sítios, bem como os dados lingüísticos, etnográficos e etnohistóricos, demonstram uma vasta ocupação dos Guarani no tempo e no espaço, e as análises das vasilhas cerâmicas evidenciam uma homogeneidade, continuidade e reprodução tecnológica até o contato com o europeu, ressaltando-se as particularidades regionais e das parciaisidades do grupo.

A partir da revisão da bibliografia arqueológica guarani e de informações lingüísticas e etnológicas, NOELLI (1993) defende a hipótese de que os Guarani reproduziam sua cultura e impunham sua ideologia perante as outras sociedades das regiões que iam sendo paulatinamente colonizadas, desde a Amazônia até a foz do Rio Paraná, bem como das regiões limítrofes no leste e no oeste. Parte do princípio de que desde que adquiriram sua identidade étnica a partir da Proto-Família Lingüística Tupi-guarani, os Guarani atravessaram mais de três mil anos até os primeiros contatos com os europeus, reproduzindo fielmente sua

¹ O trabalho é desenvolvido como Projeto de Mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE – USP, orientado pela Prof^ª. Dr^ª. Márcia Angelina Alves.

² Autora; Mestranda do Museu de Arqueologia e Etnologia/USP; Bolsista CNPq.

³ Professor Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas – LEPA/UFSM.

cultura material e as técnicas de sua confecção e uso, sua subsistência e, concomitantemente a linguagem definidora destes objetos, técnicas e comportamentos.⁴

Soares (1997) propõe uma unidade e continuidade da organização social dos grupos Guaranis no período pré-contato com o europeu. Segundo o autor, os Guaranis do período pré-contato mantiveram-se reproduzindo com uniformidade a cerâmica, assim como a tecnologia de alimentação e captação de recursos, atestados por mais de dois mil anos pelas datações radiocarbônicas dos sítios arqueológicos. A cerâmica permanece sem mudanças significativas ao longo do tempo e do espaço.⁵

O que é evidenciado através dos trabalhos nos sítios arqueológicos, é que a cerâmica, que é o maior indicador da presença cultural da sociedade Guarani, se mantém sem variações significativas até o contato com o europeu.

O contato entre a sociedade Guarani e a europeia no território do atual Rio Grande do Sul, é mais intenso a partir da criação das Reduções Jesuíticas. É sobre este contato que queremos falar.

Com a chegada dos Europeus, os conflitos políticos entre as Coroas espanhola e portuguesa e as disputas por territórios numa região de fronteiras, e com as fundações das Reduções Jesuíticas criam-se contatos entre europeus e indígenas desde a chegada dos primeiros na América, de diversas formas: através das expedições de reconhecimento das terras, da *encomienda*, das bandeiras de apresamento indígena, e das Reduções Jesuíticas, sendo este último mais acentuado e determinante de mudanças na sociedade Guarani. É no contexto do contato com os europeus a partir dos séculos XVI e XVII que passam a ocorrer profundas transformações na cultura Guarani como um todo, principalmente a partir da fundação das Reduções Jesuíticas onde os grupos eram aldeados.

Em 1607 foi criada a Província Jesuítica do Paraguai, que mais tarde foi dividida nas regiões das fundações na Frente Missionária do Guayrá, na Frente Missionária do Paraguai, na Frente Missionária do Itatim, na Frente Missionária do Uruguai e na Frente Missionária do Tape.

⁴ NOELLI, F. S. *Sem Tekoha não há Tekó: em busca de um Modelo EtnoArqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de Domínio no Delta do Jacuí – RS*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado PUC-RS, 1993.

⁵ SOARES, A. L. R. *Guarani: Organização Social e Arqueologia*. POA: EDIPUCRS, 1997.

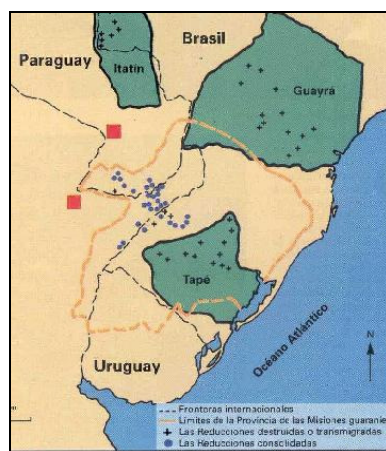


Figura 1: Mapa com a localização das três regiões com reduções jesuíticas: Itatim, Guayrá e Tape.

A maioria das reduções ainda tem sua localização indefinida. Na Região do Tape somente foram localizadas as Reduções de Jesus Maria, trabalhada por Mentz Ribeiro (1976, 1981)⁶, Candelária do Caaçapamini, estudada por Machado (1999), e a Redução evidenciada no Sítio Pedra Grande, em questão neste trabalho, a qual é chamada por alguns pesquisadores de São Miguel (1632- 1638) e por outros de São José (1633-1637). Este dado relativo à sua nomenclatura deve ser analisado nos documentos históricos relativos a esse período.

A partir de 1636, tropas de bandeirantes desceram em direção ao Rio Grande do Sul, para capturar índios que seriam escravos nas lavouras canavieiras da região sudeste do país, o que provocou a escravização de milhares deles, a morte de muitos que eram considerados inaptos ao trabalho escravo, e a fuga de outros milhares para a Argentina. Os índios reduzidos eram procurados pelos bandeirantes porque já estavam mais acostumados com o trabalho.

Em 1637 e 1638, os padres das Reduções do território do atual Rio Grande do Sul transmigraram para além do Rio Uruguai, levando os índios catequizados. Encerrou-se assim o período das Reduções de 1ª fase neste território, e somente em 1682 inicia-se a 2ª fase de Reduções, quando foram fundados os ‘Sete Povos das Missões’. Estes perduraram até a expulsão dos Jesuítas do Brasil por ordem do Marquês de Pombal.⁷

⁶ RIBEIRO, P. A. M.; MARTIN, H. E. et al. A Redução Jesuítica de Jesus-Maria, Candelária, Rio Grande do Sul – Nota Prévia. Associação Pré-ensino em Santa Cruz do Sul: *Revista do CEPA*, n. 4, 1976.

RIBEIRO, P. A. M. O Tupiguarani no Vale do Rio Pardo e a Redução Jesuítica de Jesus Maria. In: *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul: Associação Pró-ensino, faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/ departamento de Ciências Sociais/Centro de ensino e pesquisas arqueológicas, 1981, 172 p.

⁷ RIBEIRO & MARTIN, 1976.

Conforme Machado,

Analicamente, o processo de contato que se deu entre índios e jesuítas pode ser relacionado a um tipo de oposição. Para o índio, foram colocadas duas saídas, ou seja, a redução, onde passariam a conviver com o missionário e a ser subordinado a ele, ou ficariam alheios ao contexto de lutas territoriais e seriam incorporados como mão de obra do colono espanhol ou arrebatados e escravizados pelos bandeirantes. 8

As primeiras reduções eram simples povoados, com igreja de madeira ou de taipa, e as residências dos índios, geralmente feitas de pau-a-pique. Em geral mantinham muito da organização espacial das aldeias indígenas e os materiais construtivos eram os mesmos utilizados nas aldeias: madeira, palha e barro. Mesmo assim, buscava-se um reordenamento do espaço, que contribuísse para a cristianização e civilização dos indígenas⁹.

Ocorre também uma mudança na estrutura social do indígena Guarani. Antes a família era extensa, composta pelos parentes sanguíneos e agregados; agora as famílias são nucleares, com modificações nas relações de parentesco e organização da produção. Da mesma forma, ocorre a sacralização do matrimônio, com a família monogâmica. A preocupação com a moral cristã também se fazia presente, pois na Redução o índio cristão era obrigado, por exemplo, a usar roupas e ocultar o corpo. As grandes bebedeiras foram proibidas e os sepultamentos passaram a ser realizados em cemitérios de covas simples, não mais em urnas funerárias.

Conforme Santos & Gomes¹⁰ o objetivo máximo dos jesuítas era a desestruturação de todo o simbolismo cultural dos Guarani para tornar possível a dominação. Surgiu desse processo um Guarani reduzido, que teve os seus referenciais alterados, não simplesmente substituídos. “A cultura Guarani não fora negada na sua totalidade e o jesuíta não conseguiu transformar aquele homem num ocidental. Este, porém, passou de Guarani simplesmente, para guarani missioneiro”.

A Redução dos indígenas Guarani provocou mudanças no espaço, na estrutura social, política e econômica, na concepção religiosa e simbólica, enfim, nas tradições tribais. A técnica de fabricação da cerâmica sofre alterações. Passa a existir uma coexistência de elementos guarani e europeus.

⁸ MACHADO, N. T. G. *A Redução de nossa senhora do Caaçapamini (1627- 1636): o impacto da missão sobre a população indígena*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999, p. 27.

⁹ BARCELOS, A. H. F. *Espaço e Arqueologia nas missões Jesuíticas: o caso de São João Batista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

¹⁰ SANTOS, J. R. Q.; GOMES, R. M. *São Nicolau: primeira querência do Rio Grande*. 1. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2003.

A partir do estudo da cultura material, e com mais atenção à cerâmica, do sítio Pedra Grande, onde foi o local de uma Redução Jesuíta Guarani do início do século XVII fundada na Região do Tape, buscamos entender o processo de mudanças técnicas ocorrido na cadeia operatória de confecção de artefatos cerâmicos. Com a fundação do povoado Jesuítico Guarani do sítio Pedra Grande, a maneira tradicional de fazer e utilizar a cerâmica, transmitido ao longo das gerações, sofreu transformações com a introdução de novos valores e aprendizados.

O estudo das técnicas e da tecnologia foi mais intensamente explorado pelos pesquisadores franceses, que inicialmente relacionaram suas pesquisas à evolução das técnicas, e no decorrer dos anos os etnólogos aplicaram o conceito de *cadeia operatória* em suas análises de natureza etnográfica, antes dos arqueólogos, para a descrição das técnicas tradicionais. Para os arqueólogos, o conceito de cadeia operatória tornou-se uma ferramenta indispensável no estudo das técnicas das culturas materiais de populações pré-históricas.

A técnica pode ser definida como mediadora entre natureza e cultura, portanto é material e social. Marcel Mauss foi que iniciou os estudos das atividades técnicas de uma população, quando caracteriza a técnica como “um ato tradicional e eficaz (...) Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição” (MAUSS, 2003, p. 407). Assim, a técnica é socialmente apreendida e socialmente transmitida.¹¹

O conceito de cadeia operatória foi primeiramente definido na Etnografia para a descrição das técnicas tradicionais. Os componentes elementares da ação técnica estão integrados em um encadeamento lógico de estágios e seqüências no processo de transformação da matéria. Os gestos e ações técnicas seguem um projeto mental do artesão na realização de determinada atividade que se inscreve materialmente em uma cadeia operatória.

Para Balfet (1991, p.12), a cadeia operatória pode ser definida como o encadeamento das operações mentais e dos gestos técnicos visando a satisfazer uma necessidade imediata ou não, segundo um projeto preexistente. A autora entende que uma atividade técnica de transformação da matéria para se obter um produto, recobre uma realidade rica e complexa, mesmo considerando uma operação técnica elementar: é o gesto, é instrumento, mas também ator, com seu saber técnico, ligado à sua posição social.¹²

¹¹ MAUSS, M. As Técnicas do Corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 407.

¹² BALFET, H. Des chaînes opératoires, pour quoi faire. In: BALFET, H. (Dir.). *Observer l'action technique. Des chaînes opératoires, pour quoi faire?* Paris: CNRS. 1991. p.11-20.

Aí se inscreve a técnica de fabricação da cerâmica, a partir de um encadeamento obrigatório das etapas que vão desde a aquisição da argila até as vasilhas prontas ao uso, onde são efetuados atos técnicos, ou seja, uma série de operações efetuadas dentro de um tempo e de um espaço, em vista de um determinado resultado, por um ou vários atores (BALFET, 1991).

As escolhas técnicas são representações sociais que formam uma tecnologia ou uma ação tecnológica; são componentes do grande sistema simbólico e indicadores de significados e símbolos. São opções adotadas pelos artesãos, de maneira consciente ou inconsciente, como a escolha de usar ou não certos materiais disponíveis, dos instrumentos a ser utilizados numa ação técnica, a escolha dos processos tecnológicos -conjunto de ações e seus efeitos sobre a matéria- e os resultados desses processos, a escolha de como a ação deve ser executada (LEMONNIER, 1992, p. 5).¹³

O universo tecnológico de um grupo está em constante interação com os domínios social, simbólico, religioso, político ou econômico desse grupo, dentro de uma totalidade social. A tecnologia pode ser transformada a partir da modificação em qualquer um desses universos que se apresentam em constante influência recíproca, sendo um processo tradicional e ao mesmo tempo dinâmico, na medida em que as normas vigentes e as técnicas tradicionais são suscetíveis a mudanças de diversos níveis, e toda sociedade não é estática, mas se transforma culturalmente no espaço e no tempo. Lembrando ainda que existe um nível individual e um nível social, do agente concebendo artefatos a partir de gestos e escolhas, inseridos em um saber técnico coletivo inscrito na tradição do grupo que ele faz parte. A mudança na técnica pode ocorrer em função da modificação em alguma (s) das operações da cadeia operatória, de uma alteração do saber técnico tradicional, dos gestos técnicos utilizados no processo, que pode decorrer de um novo aprendizado que transforma as normas técnicas vigentes, como ocorre na Redução Jesuítica.

Estudamos a cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos, de acordo com as seguintes operações ou etapas: escolha da argila, tratamento da argila, confecção ou moldagem do artefato e queima. As etapas e operações da cadeia operatória serão atingidas

¹³ LEMONNIER, P. *Elements for na Anthropology of Technology*. Ann Arbor: Michigan; 1992.

pela percepção das escolhas técnicas feitas pelos artesãos, inseridas na tradição do grupo Guarani e modificadas no momento da fundação da Redução Jesuítica. A percepção da continuidade e da mudança técnica se dá pelas recorrências e variabilidades na cultura material, percebidas através de atributos técnicos aplicados a cada fragmento de artefato e com auxílio de análises físico químicas.

O Sítio Pedra Grande: Cerâmica Guarani e ‘Cerâmica de Contato’ - Permanências e Mudanças Técnicas

O sítio Ibm 4 Pedra Grande é composto por dois abrigos com presença de material lítico e cerâmico, e em um deles ocorrem dois painéis com gravuras rupestres. Outra área desse sítio apresenta cerâmica da tradição Tupiguarani e da fase Reduções, juntamente com alguns fragmentos de metal, louça e uma conta de colar de vidro, portanto este é local da Redução que foi implantada no início do século XVII. A cronologia, estratigrafia e os vestígios apontam para ocupações sucessivas neste sítio de grupos caçadores-coletores, Guarani e a Redução Jesuítica Guarani. Está localizado próximo ao Arroio Ribeirão, afluente do rio Toropi, da Bacia do Rio Ibicuí.

O sítio Pedra Grande sofreu intervenções arqueológicas desde a década de 1960, por diferentes pesquisadores. Conforme Brochado & Schmitz¹⁴, nos anos de 1969 e 1971 foram realizadas escavações ao redor do monólito por José Proença Brochado e Pedro Inácio Schmitz com suas equipes da PUCRS. Em 1969 identificou-se um extenso sítio com cerâmica da tradição Tupiguarani na parte posterior ao abrigo. Nesse local foram identificadas várias concentrações de material cerâmico e lítico que indicariam habitações de planta circular, onde foram realizadas coletas superficiais.

Em 1971 foram escavadas 11 quadrículas ao redor da pedra grande. Oito quadrículas foram feitas na face do bloco que forma o abrigo, sendo encontrados material lítico e cerâmico. A cerâmica da tradição Tupiguarani foi encontrada na superfície e até 60 cm de profundidade. Na face oposta foram feitas 3 quadrículas contíguas em níveis artificiais de 7cm, nas quais a camada arqueológica tinha a espessura de 50cm. Foi encontrada grande quantidade de cerâmica Tupiguarani, assim como fragmentos de cerâmica européia, incluindo a Majólica. A cerâmica do sítio superficial localizado atrás do abrigo da Pedra Grande

¹⁴ BROCHADO, J. P.; SCHMITZ, P. I. Petroglifos do estilo de pisadas no RS. In: *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre: PUCRS, v. II, n. 1, 1976.

pertence à fase Reduções, na transição da cerâmica da tradição Tupiguarani para a Neobrasileira (Brochado & Schmitz, 1976).

Segundo Brochado & Schmitz¹⁵, obtiveram-se 3 datações radiocarbônicas para as quadrículas escavadas sob o abrigo: A.D. 1305 – 1385 (camada 30-40 cm), A.D. 1110 – 1190 (camada 60-70 cm); 900 – 790 a.c. (camada 70 – 80 cm). Os fragmentos de cerâmica correspondem ao terceiro momento de ocupação (30-40 cm).

Em julho de 1997 os arqueólogos Klaus Hilbert e José Proença Brochado intervêm nos fundos da pedra grande, no local da Redução Jesuítica. Na superfície foram detectados restos de uma habitação indígena como fragmentos cerâmicos, metais, líticos e carvão. Conforme Brochado,

O material arqueológico, bastante escasso na superfície, concentrava-se em várias áreas de aproximadamente 50 metros de comprimento e 50 metros de largura cada uma em um solo arenoso de coloração mais escura, até uma profundidade de 30 centímetros. Estas manchas de terra preta formaram-se como resultado da ocupação na área, e indicam, provavelmente, a existência de uma série de conjuntos de pequenas habitações no local¹⁶.

Nesta escavação, foram encontrados dois fragmentos de cerâmica Majólica, duas facas de ferro, quatro cravos de ferro e uma conta azul de vidro, que comprovam o contato dos Guarani com os europeus.

A equipe do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) vem desenvolvendo pesquisas nesse sítio desde a década de 1980, quando foram realizadas algumas prospecções na parte posterior do monólito e coletados materiais cerâmicos e líticos. Em 2002 o Arqueólogo Dr. Saul Milder e a equipe do LEPA realizaram escavações na frente do monólito e no Abrigo do Meio.

¹⁵ Id.

¹⁶ BROCHADO, J. P. *Relatório Final: Pesquisas Arqueológicas no município de São Pedro do Sul - RS*. Porto Alegre, março de 2001 (relatório de pesquisa enviado para o IPHAN, não publicado), p. 17.

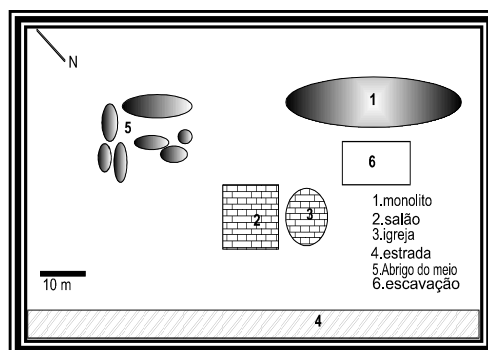


Figura 2: Croqui do Sítio Pedra Grande – Acervo LEPA-UFSM.

A partir destes diversos trabalhos realizados no sítio foi possível localizar a Redução na parte posterior do Abrigo, e a evidenciação de uma casa de planta circular, a partir dos buracos de estaca. Novos trabalhos nos demais sítios do entorno irão esclarecer aspectos como o tamanho da Redução através da verificação da existência ou não de cerâmica da fase Reduções nos demais sítios encontrados na região circuncidante.

Foi analisada a coleção cerâmica escavada na década de 1980, bem como em 2002, que fazem parte do acervo do LEPA/UFSM. Também foram analisados e registrados os fragmentos de cerâmica vermelha e de tratamento corrugado-telhado das coleções da escavadas na década de 1960 e de 1997, que atualmente estão no acervo do NuPArq/UFRGS e do CEPA/PUCRS, respectivamente. Estes dados ainda estão sendo estudados e farão parte da dissertação de mestrado.

Aqui vamos apresentar alguns dados referentes à análise feita com o material escavado no Abrigo do Meio, em 2003. Esta coleção possui um registro cuidadoso das peças que possibilitou fazer remontagens. Foram agrupados conjuntos de fragmentos do mesmo artefato, a partir da associação espacial dos mesmos, bem como das remontagens, e da análise das características da pasta, cor, espessura da parede, elementos não-plásticos e tratamento de superfície de cada fragmento; ainda, quando possível, a partir dos gestos impressos nas suas superfícies. Foram evidenciados 10 conjuntos de fragmentos, que correspondem a 10 vasilhas. Os atributos foram analisados em todos os fragmentos, alguns apresentando variações. Assim, busca-se analisar o artefato como um todo, e não o fragmento isoladamente, e observar todo o processo de confecção, que resultou no artefato acabado.

A partir destes atributos e das relações entre eles, observou-se as recorrências e a variabilidade das diversas vasilhas, principalmente quanto à pasta. A análise inicial permitiu conhecer de forma bastante detalhada as principais características da cerâmica. Assim,

identificaram-se algumas escolhas dos artesãos em relação à pasta, técnica de confecção, queima, entre outros.

Em relação à pasta, foi constatado que todas as vasilhas e fragmentos possuem a mesma composição em relação ao antiplástico, variando em proporções e granulometria. Areia e grânulos pequenos estão presentes em todas as peças. Algumas apresentam grânulos grandes e seixos (até 6mm), e outras uma maior concentração de areia. Essas variações podem ocorrer devido à seleção e adição de elementos, ou em função da variação das fontes. Os grãos são todos arredondados, o que indica o transporte dos mesmos pelas águas.

No preparo da pasta, para os tratamentos alisado e pintado foi evidenciada granulometria fina (areia e grânulos pequenos), núcleo compacto, homogêneo e de dureza alta. O núcleo é em geral na cor preta e a barbotina em ambas as superfícies de cor bege. A vasilha com corrugado-telhado apresenta as mesmas características do núcleo. Em relação ao tratamento unglado, possui granulometria média (areia e grânulos médios), núcleo poroso, porém homogêneo, e de dureza média; núcleo vermelho e barbotina vermelha ou marrom em uma superfície ou nas duas. Já para o tratamento corrugado, corrugado-unglado, corrugado-espátulado, constatou-se uma granulometria grossa (presença de seixos – até 6mm), núcleo poroso, irregular e de dureza baixa. Alguns são bastante arenosos; núcleo escuro, de cor irregular, com barbotina marrom em ambas as superfícies (Em algumas, a camada de barbotina da superfície interna é mais grossa).

Portanto, ocorre uma seleção dos seixos e grânulos grandes para as vasilhas com tratamento de superfície alisado, pintado, unglado e corrugado-telhado, enquanto nas vasilhas corrugadas eles estão presentes. Algumas vasilhas e fragmentos corrugados possuem grande quantidade de areia. Essas características apontam para a seleção e ou adição de elementos de acordo com o tipo de vasilha.

Em relação à técnica de confecção, foi utilizada a técnica de junção de roletes em todas as vasilhas estudadas, desde a base, a técnica acordelada.

Não foram realizadas reconstituições das formas das vasilhas. A partir da espessura e diâmetro da boca de alguns fragmentos de borda, constatou-se que as vasilhas com acabamento alisado, pintado e unglado possuem espessura fina e são menores, enquanto as vasilhas corrugadas são maiores e com espessura grossa (10 mm).

No Tratamento de superfície, foram realizados diferentes gestos de pressão e incisão na elaboração dos acabamentos de superfície Corrugado, Corrugado-ungulado, Corrugado-espátulado, Corrugado-telhado, alisado, ungulado, escovado e pintado. Foi aplicada uma resina em uma peça (sobre engobo vermelho).

Os fragmentos possuem o núcleo na cor preta, vermelha e irregular (com variações entre vermelho e preto). Essas variações se relacionam com a textura e dureza das peças. Estas características apontam para um maior controle térmico em relação às vasilhas alisadas e pintadas, enquanto as corrugadas têm indícios de pouco controle térmico no processo de queima das peças.

Apenas os fragmentos de uma das vasilhas possuem as características da cerâmica da fase Reduções, que constituem a borda de uma vasilha vermelha em ambas as superfícies, com aplicação de engobo e resina, de 23 cm de diâmetro. A figura abaixo demonstra suas características e as remontagens.

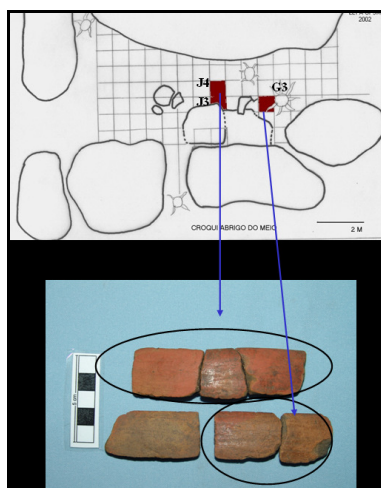


Figura 3: cerâmica vermelha do Abrigo do Meio.
Acervo LEPA/UFSM.

Nas outras coleções estudadas a cerâmica vermelha também está presente, além de alguns fragmentos com tratamento corrugado-telhado. Foi verificada a presença de vasilhas pequenas de borda extrovertida, introvertida e direta, com base plana, anelar, em pedestal ou

arredondada, e diâmetro de abertura variando entre 12 e 24 cm, que correspondem a pratos e tigelas com engobo vermelho em uma ou em ambas as faces.



Figura 4: Fragmentos de borda de cerâmica vermelha do Sítio Pedra Grande. Acervo CEPA/PUCRS.

De forma geral esta cerâmica possui núcleo homogêneo e compacto, de granulometria fina e média. Existe um alto controle técnico em todas as etapas de sua produção, desde a escolha de uma argila com elementos de granulometria fina, a simetria na forma das vasilhas e um bom controle térmico na queima das peças.



Figura 5: Bases planas de cerâmica vermelha na superfície interna. Acervo NuPArq/UFRGS.

Considerações Finais

De acordo com as escolhas do artesão, seus gestos moldam o barro e o transformam em artefato, após sua queima. No processo de transformação de uma massa de argila em uma vasilha, cuja forma é pré-concebida de acordo com o objetivo do artesão e funcionalidade da peça, existe escolhas: a escolha da argila mais adequada, proveniente de uma área mais

próxima ou mais distante; a seleção da argila para obter a plasticidade ideal; a técnica a ser utilizada; a forma e a decoração do pote; tempo e local de secagem; a forma, o tipo e o tempo de queima.

A análise da cerâmica do Abrigo do Meio e demais espaços do sítio Pedra Grande permitiu verificar que o “modo de fazer” a cerâmica foi alterado apenas em parte, pois algumas técnicas persistiram nas diferentes operações técnicas da cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos. Foram evidenciadas vasilhas tradicionais e elementos novos, representados pelas cerâmicas vermelhas. Nesse último caso, foi feita uma escolha de uma argila muito semelhante àquela utilizada nas peças tradicionais, e a técnica de confecção do artefato é a mesma utilizada tradicionalmente pelo grupo: a técnica acordelada. A forma dessa cerâmica é muito diferenciada das peças tradicionais: possuem a forma de pratos e tigelas rasos, muito semelhantes à louça européia. O tratamento de superfície também é um elemento novo nesse caso, pois o engobo vermelho é aplicado em toda a superfície da peça (monocromia em vermelho), não utilizada anteriormente pelos Guarani. A queima é bastante controlada, percebida na homogeneidade do núcleo da cerâmica. Portanto, somente algumas técnicas foram alteradas a partir da inserção do grupo Guarani na Redução Jesuítica, enquanto outras permaneceram como tradicionalmente foi aprendido aos longos das gerações de a ordo com a tradição do grupo.

Referências Bibliográficas:

BALFET, H. Des chaînes opératoires, pour quoi faire. In: BALFET, H. (Dir.). *Observer l'action technique. Des chaînes opératoires, pour quoi faire?* Paris: CNRS. 1991. p.11-20.

BARCELOS, A. H. F. *Espaço e Arqueologia nas missões Jesuíticas: o caso de São João Batista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

BROCHADO, J. P.; SCHMITZ, P. I. Petroglifos do estilo de pisadas no RS. In: *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre: PUCRS, v. II, n. 1, 1976.

BROCHADO, J. P. *Relatório Final: Pesquisas Arqueológicas no município de São Pedro do Sul - RS*. Porto Alegre, março de 2001 (relatório de pesquisa enviado para o IPHAN, não publicado).

LEMONNIER, P. *Elements for na Anthropology of Technology*. Ann Arbor: Michigan; 1992.

- MACHADO, N. T. G. *A Redução de nossa senhora do Caaçapamini (1627- 1636): o impacto da missão sobre a população indígena*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- NOELLI, Francisco Silva. Sem Tekoha não há Tekó: em busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Jacuí – RS. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado PUC-RS, 1993.
- RIBEIRO, P. A. M. O Tupiguarani no Vale do Rio Pardo e a Redução Jesuítica de Jesus Maria. In: *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul: Associação Pró-ensino, faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/ departamento de Ciências Sociais/Centro de ensino e pesquisas arqueológicas, 1981.
- RIBEIRO, Pedro Augusto M.; MARTIN, Hardy E, et al. A Redução Jesuítica de Jesus-Maria, Candelária, Rio Grande do Sul – Nota Prévia. Associação Pré-ensino em Santa Cruz do Sul: *Revista do CEPA*, n. 4, 1976.
- SANTOS, J. R. Q.; GOMES, R. M. *São Nicolau: primeira querência do Rio Grande*. 1. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2003.
- SOARES, André Luiz R. *Guarani: Organização Social e Arqueologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.